

A vulnerabilidade de mães solo: desromantizando a ideia de “mulheres guerreiras”

The vulnerability of solo mothers: deromantizing the idea of “women warriors”

Jarmara Garcia Laurindo Pereira¹, Larissa Atanazio Xavier², Camila Miranda de Amorim Resende³

Como citar esse artigo. PEREIRA, J. G. L.; XAVIER, L. A.; RESENDE, C. M. A.

A vulnerabilidade de mães solo: desromantizando a ideia de “mulheres guerreiras”. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 15, n. 3, p. 285-297, set./dez. 2024.

Resumo

O presente estudo tem como finalidade conhecer a vivência e a história de algumas mães solo do município de Volta Redonda e adjacências e desconstruir a idealização de que mães solo são mulheres fortes, guerreiras e batalhadoras. Para tal buscar entender o significado e sentido do termo “mãe solo”; investigar a realidade de mães solo e suas experiências de vida; e conhecer a vulnerabilidade vivenciada por mulheres mães solo. A metodologia utilizada no presente artigo se classifica, quanto aos fins, em uma pesquisa qualitativa, de campo e bibliográfica, de caráter exploratório e descritiva, que utilizou como instrumento entrevistas semiestruturadas que permitiram as entrevistadas discorrerem livremente sobre o tema da pesquisa. Para compreender a vivência e a história dessas mães, foram realizadas entrevistas com quinze mulheres mães solo na região sul fluminense. Foi possível identificar cinco dimensões de análise que se revelaram primordiais para o objetivo da pesquisa, como: “A aliança: poder e respeito”, “A naturalização do abandono paterno”, “O peso da maternidade solitária”, “Não é amor, é abuso” e “Mães que caminham sozinhas: a romantização da sobrecarga”. Na primeira dimensão, abordou-se o preconceito vivenciado por essas mulheres, onde foi destacado que a aliança tem um peso significativo no meio social. Referente a segunda dimensão, foi exposto a naturalização do abandono paterno perante a sociedade. Na terceira dimensão, foi tratado o sentimento de culpa e arrependimento existentes na vida das mães solo em consequência do abandono paterno. A quarta dimensão trata do relacionamento abusivo que 13 das 14 mulheres entrevistadas relatam terem vivido com o pai de seus filhos. A quinta e última dimensão traz a reflexão da sobrecarga na maternidade solo, bem como suas fragilidades perante essa jornada solitária. Observou-se que expressões como “mulheres fortes e guerreiras” direcionadas as mulheres mães solo são construídas pelo meio social que romantiza o peso da maternidade solo, bem como naturaliza o abandono paterno. É essencial a real compreensão dessas vivências, sem rótulos, uma vez que são experiências únicas e delicadas de serem vividas.

Palavras-chave: Mãe solo. Sobrecarga. Vulnerabilidade. Desromantização. Naturalização.

Abstract

The purpose of this study is to understand the experience and history of some solo mothers in the municipality of Volta Redonda and surrounding areas and to deconstruct the idealization that solo mothers are strong, warrior and hard-working women. To do so, seek to understand the meaning and meaning of the term “solo mother”; investigate the reality of single mothers and their life experiences; and understand the vulnerability experienced by women who are solo mothers. The methodology used in this article is classified, in terms of purposes, as a qualitative, field and bibliographical research, of an exploratory and descriptive nature, which used semi-structured interviews as an instrument that allow the interviewees to speak freely about the research topic. To understand the experience and history of these mothers, interviews were carried out with fifteen solo mothers in the southern region of Rio de Janeiro. It was possible to identify five dimensions of analysis that proved to be essential for the research objective, such as: “The alliance: power and respect”, “The naturalization of paternal abandonment”, “The weight of solitary motherhood”, “It’s not love, it’s abuse” and “Mothers who walk alone: the romanticization of overload”. In the first dimension, the prejudice experienced by these women was addressed, where it was highlighted that the alliance has a significant weight in the social environment. Regarding the second dimension, the naturalization of paternal abandonment in society was exposed. In the third dimension, the feeling of guilt and regret existing in the lives of single mothers as a result of paternal abandonment was addressed. The fourth dimension deals with the abusive relationship that 13 of the 14 women interviewed reported having lived with the father of their children. The fifth and final dimension reflects on the burden of solo motherhood, as well as its weaknesses in this solo journey. It was observed that expressions such as “strong and warrior women” aimed at single mothers are constructed by the social environment that romanticizes the weight of solo motherhood, as well as naturalizing paternal abandonment. It is essential to truly understand these experiences, without labels, since they are unique and delicate experiences to be lived.

Keywords: Mother solo. Overload. Vulnerability. Deromanticization. Naturalization.

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Afiliação dos autores:

¹Graduanda do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Geraldo Di Biase, Volta Redonda, RJ - Brasil.

²Graduanda do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Geraldo Di Biase, Volta Redonda, RJ - Brasil.

³Mestre e doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS/IP/UFRRJ), Psicóloga do IFRJ e docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Geraldo Di Biase, Volta Redonda, RJ - Brasil.

E-mail de correspondência: camila.mdamorim@gmail.com

Recebido em: 21/03/2024. Aceito em: 01/10/2024.

Introdução

A família transitou por inúmeras transformações no decorrer do tempo e, com isso, as atribuições em relação a cada um de seus componentes sofreram impactos de forma direta e indireta. A maternidade, apesar de ter sofrido importantes mudanças nas últimas décadas, ainda carrega consigo um alto valor imposto pelo contexto social e vista por muitos como algo natural, um processo genuíno.

Algumas mulheres vivenciam a maternidade de forma integral, sendo responsáveis pela educação e criação de seus filhos sozinhas. São mulheres que possuem uma incumbência não só nos cuidados e atenção para o filho, mas também o dever de mantê-lo financeiramente e dedicarem seu tempo a ele em uma vida monoparental. Estas são as denominadas “mães solo”.

De acordo com uma pesquisa publicada por Santos e Noronha (2022), as mães solo são mulheres que exercem a parentalidade de maneira solitária, sem apoio na divisão de tarefas e responsabilidades em relação aos filhos. As mães solo, apesar de serem alvos comuns de críticas e padrões normatizados e impostos pela sociedade, são geralmente consideradas mulheres fortes e guerreiras por conseguirem conciliar os afazeres de casa, do trabalho e de todo o processo da maternidade e desenvolvimento dos filhos, além de enfrentarem uma maior dificuldade para ingressarem e se manterem no mercado de trabalho (SEVERINO, 2022, p.16).

Muitas pessoas, através de um pensamento hipotético e dedutivo, destacam a força que estas mulheres, mães solo, carregam junto de si, o que gera uma “romantização” de mães solo como “mulheres guerreiras”. Algo que, segundo Santos e Noronha (2022), valida a “naturalização do heroísmo” e indica que as mulheres possuem habilidades para lidar e resolver tudo, o que ocasiona, como consequência, sobrecargas, fracassos, medos e frustrações.

De acordo com os dados retirados do site “ANDI Comunicação e direitos” (2022), o Brasil registrou um aumento de mães solo em 2022. O mesmo site enfatiza que a ausência paterna é uma realidade brasileira que aumenta mais a cada ano. Lacerda (2022) confirma que os cartórios registraram crescimento de mães solo no Brasil em cinco anos e destaca que, nos quatro primeiros meses de 2022, mais de 55 mil crianças foram registradas sem o nome do pai.

A carência de pesquisas a respeito de mães solo – situação que, como visto acima, cresce consideravelmente em nosso país – e a importância da desromantização da ideia de que estas são “mulheres guerreiras”, motivou esse estudo, sendo relevante destacar o vínculo pessoal que as autoras possuem com o tema: ambas as filhas de mães solo.

O presente estudo teve como objetivo geral conhecer a vivência e a história de algumas mães solo do município de Volta Redonda e adjacências e desconstruir a idealização de que mães solo são mulheres fortes, guerreiras e batalhadoras. Para tal, buscou-se entender o significado e o sentido do termo “mãe solo”; investigar a realidade de mães solo e suas experiências de vida; e conhecer a vulnerabilidade vivenciada por essas mães.

O estudo caracteriza-se em uma pesquisa qualitativa, de campo e bibliográfica, de caráter exploratório e descritiva, que utilizou como instrumento entrevistas semiestruturadas com quinze mulheres mães solo residentes na região sul fluminense.

Maternidade

Ao longo de muito tempo, a função da mulher era se casar e ter filhos e, ao mesmo tempo, cuidar do lar. Leão et al. (2017, p.2) enfatizam que “historicamente a maternidade foi representada como ideal máximo da mulher e como elemento agregador necessário para sobrevivência da família”. A maternidade e o cuidado com o lar são, ainda hoje, valorizados socialmente como funções femininas inerentes à mulher.

A romantização em relação à maternidade é fundamentada no mito do amor materno, percebido como instintivo, inato e incondicional para as mulheres, como destaca Badinter (1985). A autora, em seu

livro “Um amor conquistado: o mito do amor materno”, concluiu que não existe uma conduta materna universal. Existem, segundo ela, diferentes maneiras de expressar o amor materno e este não deve ser difundido como uma posição feminina.

O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não se manifestam. A ternura existe ou não existe. As diferentes maneiras de expressar o amor materno vão do mais ao menos, passando pelo nada, ou o quase nada (BADINTER, 1985, p. 22).

Ainda segundo a autora, o amor materno não é inato à natureza feminina e “o instinto materno é um mito” (BADINTER, 1985, p. 367). Existe, no que diz respeito à maternidade, uma oscilação de sentimentos, conforme a cultura, a ambição ou as frustrações da mãe em questão. A maternidade é, portanto, uma temática ampla e complexa, com diversos fatores vinculados à subjetividade e singularidade de cada mulher.

[...] o amor materno existe desde a origem dos tempos, mas penso que exista necessariamente em todas as mulheres, nem mesmo que a espécie só sobreviva graças a ele. Primeiro, qualquer pessoa que não a mãe (o pai, a ama, etc.) pode “maternar” uma criança. Segundo, não é só o amor que leva a mulher a cumprir seus “deveres maternos”. A moral, os valores sociais, ou religiosos, podem ser incitadores tão poderosos quanto o desejo da mãe. (BADINTER, 1985, p.17).

Dados retirados do site “Estado de Minas Saúde e bem viver”, escrito por Gontijo (2023), enfatizam a importância de falar sobre a maternidade real, que é, muitas vezes, solitária. O site aborda essa temática com a Cláudia Drumond (pediatra da Saúde no Lar), que enfatiza que “ser mãe é diferente de tudo que é romantizado”. Ainda complementa que são diversas tarefas e cuidados diante da maternidade, ressaltando também as cobranças externas e internas, que essa mulher vivencia na jornada de ser mãe.

As mulheres sentem o tempo todo que estão em dívida e são pressionadas a cumprir as expectativas criadas por aqueles que estão à sua volta, que farão algum tipo de julgamento. Infelizmente, essa imagem de mãe perfeita faz com que falar sobre seus problemas seja motivo de vergonha ou fracasso. Preferem, assim, guardar para si a exaustão e esse misto de sentimentos (DRUMOND, 2023).

A maternidade real precisa, portanto, ser mais verbalizada e refletida. A maternidade é desafiadora e distinta para cada mulher e se tornar mãe é uma mudança gigantesca na vida de qualquer mulher. O caso especial das mães solo, objeto deste estudo, acentua ainda mais esses desafios.

Mães Solo

Entende-se, como mãe solo, a mulher que passa pela maternidade sozinha, sendo a única responsável pela criação e sustento dos filhos, sem qualquer tipo de apoio proveniente do pai. Vale ressaltar que a maternidade solo não corresponde, muitas vezes, ao estado civil da mulher que pode oficialmente estar casada ou em união estável sem que isso corresponda, de fato, à existência de um parceiro (também responsável pelos filhos) com quem ela possa dividir o processo de educação dos filhos. Silva, Cassiano e

Cordeiro (2019, p.2) enfatizam que:

Em referência ao termo mãe-solteira, historicamente utilizado para identificar as mulheres que criam os filhos sozinhas, a expressão mãe solo tem se popularizado na sociedade atual como uma tentativa de desconstruir a definição pejorativa e relacionada ao estado. Por muito tempo, o termo foi tratado sob a visão do controle social nas sociedades patriarcais, na qual a maternidade se apresenta como elemento de subjugação da mulher em relação ao homem. Mudar a forma de se referir a essas mulheres visa, desta maneira, eliminar o preconceito com as genitoras que não têm qualquer relação com o pai de seus filhos, ou com mães que se separaram, ou mães que optaram por serem mães sem necessariamente estar em uma relação conjugal (SILVA; CASSIANO; CORDEIRO, 2019, p.2).

Borges (2020, p.10), sobre tal questão, destaca que a maternidade solo não está relacionada ao estado civil, portanto o correto é mãe solo e não mãe solteira. Essa expressão “mãe solteira” possui fragmentos do machismo e da sociedade patriarcal presente no século XX.

Fontenele (2020) complementa salientando que:

A questão é que o termo mãe solteira é totalmente carregado de termos depreciativos. Primeiro não existe mãe casada, mãe divorciada ou mãe viúva, por que existe mãe solteira? Ser solteira é um estado civil, que pode ou não ser conjugado com ser mãe. É um termo pejorativo, que leva a entender ‘é mãe, mas não é casada (FONTENELE, 2020).

A mãe solo, portanto, além de toda sobrecarga inerente à sua condição, ainda enfrenta um preconceito histórico por não estar em um relacionamento conjugal que atenderia aos padrões impostos pela sociedade.

Além de serem as únicas responsáveis pelos filhos e terem que conciliar esse papel, muitas vezes, com a carreira profissional, as mães solo enfrentam a crítica moral imposta de uma família ideal, que pressiona a mulher a seguir a tradição do casamento, impondo a necessidade de um homem para exercer a maternidade. Qualquer estrutura que saia desse padrão é considerada inadequada. (SILVA; CASSIANO; CORDEIRO, 2019, p.2)

Neste cenário, faz-se importante compreender que as mulheres mães solo podem ser consideradas vulneráveis. Sobre tal compreensão, Carmo e Guizardi (2018, p.2) evidenciam que:

A concepção de vulnerabilidade denota a multideterminação de sua gênese não estritamente condicionada à ausência ou precariedade no acesso à renda, mas atrelada também às fragilidades de vínculos afetivos relacionados e desigualdade de acesso a bens e serviços públicos.

A vulnerabilidade está, portanto, além de questões financeiras, o que torna possível considerar que uma pessoa ou um grupo vulnerável é aquele (a) que está em alguma situação de risco, “vulneráveis em alguma situação”, como as mães solo.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de campo e bibliográfica, de caráter exploratório e descritiva, que utilizou, como instrumento, entrevistas semiestruturadas que permitiram às entrevistadas discorrerem livremente sobre o tema da pesquisa, tendo apenas um roteiro como elemento orientador. A pesquisa em questão foi delimitada a ser realizada somente com mães solo, maiores de idade, que possuem a ausência total dos pais na vida dos filhos, sem que seja por sua escolha ou desejo, ou seja: mulheres que não optaram por passar pelo processo de maternidade e todo o desenvolvimento de seu filho(a) sozinhas, mas encontram-se nesta situação. Este recorte de pesquisa excluiu as mães viúvas, mães com algum tipo de ajuda do pai e mães solo por opção.

A presente pesquisa se considera um estudo qualitativo e de campo, junto à população alvo determinada. Seu objetivo, enquanto estudo qualitativo, foi descobrir a estrutura de sentidos próprios das entrevistadas, buscando elaborar informações com ênfase na subjetividade de cada uma (POPE; MAYS, 2009, p.18). A pesquisa é considerada descritiva pois tende a descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009), sendo a realidade em questão a de algumas mães solo do município de Volta Redonda e adjacências. Por fim, é um método exploratório, pois busca proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses sobre ele (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

A base de dados para a pesquisa consistiu em entrevistas presenciais e online com 15 mães solo, maiores de idade, sem limitação de quantidade de filhos, que residiam, na época da entrevista, no município de Volta Redonda e em territórios vizinhos da região sul fluminense. Foram elas: amigas, parentes, pessoas próximas, indicadas e conhecidas do meio social e do ambiente de trabalho. Foram realizadas divulgações em busca de entrevistadas por meio de anúncios distribuídos no Centro Universitário Geraldo Di Biase UGB/FERP, em ambientes sociais, como família e amigos, e nas redes sociais, como Instagram, Facebook e WhatsApp, contendo uma explicação breve sobre a pesquisa e um link do formulário google, onde as interessadas em participar da pesquisa deixaram seu contato para que as pesquisadoras pudessem acessá-las posteriormente.

Após a aprovação pelo Comitê de Ética sob o parecer número 6.325.834, iniciaram-se as entrevistas com quinze mulheres que foram intituladas como mulheres A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M e N, com o objetivo de preservar suas identidades. Antes de iniciar a entrevista, as mulheres que aceitaram participar da pesquisa foram informadas sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecidas (TCLE), leram e assinaram.

As entrevistas foram realizadas nos meses de setembro e outubro de 2023, sendo 8 realizadas de forma online por chamada de vídeo pelo WhatsApp e 6 de forma presencial. Cabe destacar que o local da entrevista foi escolhido de acordo com a preferência de cada mulher e que todas duraram aproximadamente uma hora.

No roteiro das entrevistas constavam as seguintes informações/questões: Idade, Cidade onde mora, Atividade profissional, “Quantos filhos têm (idade dos filhos)?”, “Como foi/foram sua (s) gestação (s)?”, “Foi/foram planejada (s)?”, “Você tem rede de apoio para a criação de seus filhos? Se sim, qual?”, “Você se define como uma mãe solo? Por quê?”, “Há vantagens e desvantagens em ser mãe solo? Quais?”, “A vivência da maternidade solo gera aflições/ angústias para você?”, “Em algum momento, já se sentiu vulnerável, enquanto mãe solo? Se sim, qual (is)?”, “Quais sentimentos vêm na cabeça quando você para pra refletir sobre a sua vivência de maternidade solo?”, “Você já ouviu alguém fazer referência a você como uma “mulher guerreira” por ser mãe solo? Se sim, como se sentiu?”, “Você já sofreu algum preconceito por ser mãe solo?”, “Você consegue fazer algo por você e para você? O que? Como?”.

Foram realizadas um total de 15 entrevistas, porém uma dessas entrevistas foi descartada, pois, no decorrer do encontro, foi observado que a mulher em questão era mãe solo por opção, sendo esse um dos critérios de exclusão da pesquisa.

Foram analisadas, portanto, 14 entrevistas de mulheres mães solo de 18 a 58 anos, residentes das cidades de Volta Redonda, Itaguaí, Pinheiral, Santa Rita de Jacutinga e Barra do Pirai. Vale salientar que todas as mulheres se emocionaram em algum momento da entrevista.

Uma síntese de dados dessas mulheres incluindo idade, profissão, cidade onde reside, número de filhos e idade dos mesmos é informado no Quadro 1.

Quadro1. Síntese de dados das mulheres mães solo

MULHERES	IDADE	PROFISSÃO	CIDADE ATUAL	FILHOS	IDADE DOS FILHOS
Mulher A	32 anos	Auxiliar adm. Secretária de saúde	Volta Redonda	1 filho	9 anos
Mulher B	35 anos	Financeiro em loja de Auto peças	Volta Redonda	1 filho	10 anos
Mulher C	28 anos	Cabelereira	Volta Redonda	4 filhos	3-5-7-14 anos
Mulher D	36 anos	Coordenadora Hospitalar	Volta Redonda	4 filhos	Não identificado
Mulher E	46 anos	Psicopedagoga	Itaguaí	2 filhos	26 - 28 anos
Mulher F	36 anos	Psicóloga e Professora	Volta Redonda	2 filhos	8 anos (gêmeas)
Mulher G	42 anos	Bibliotecária	Pinheiral	2 filhos	22 - 8 anos
Mulher H	28 anos	Do lar	Santa Rita de Jacutinga	1 filho	4 anos (Autista)
Mulher I	54 anos	Farmacêutica Balconista	Volta Redonda	1 filho	23 anos
Mulher J	18 anos	Recepcionista	Barra do Pirai	1 filho	8 meses
Mulher K	23 anos	Marketing Digital	Volta Redonda	1 filho	7 anos
Mulher L	52 anos	Adm na área da saúde	Volta Redonda	1 filho	22 anos
Mulher M	58 anos	Enfermeira e gerente de um UBS	Volta Redonda	1 filho	38 anos
Mulher N	42 anos	Gerente de banco (afastada pelo INSS)	Volta Redonda	2 filhos	4 - 22 anos

Fonte. Pesquisa do autor, 2024.

Análise e Discussão dos Resultados

O material obtido na pesquisa foi analisado por meio da metodologia de análise dos discursos (MINAYO, 2004, p.261). Foram selecionadas dimensões temáticas que se revelaram importantes para os objetivos da pesquisa, como: “A aliança: poder e respeito”, “A naturalização do abandono paterno”, “O peso da maternidade solitária”, “Não é amor, é abuso” e “Mães que caminham sozinhas: a romantização da sobrecarga”.

A Aliança: Poder e Respeito

Mesmo diante de todas as mudanças do nosso século, ser mãe solo ainda parece ser considerado um tabu perante a sociedade. O preconceito ainda é algo presente na vivência das entrevistadas. O preconceito e o julgamento, que rodeiam essas mulheres que enfrentam a difícil tarefa de ser mãe solo, são o tema desta dimensão de análise.

A forma de julgar alguém com base apenas nas características pessoais aparentes é um pensamento que vem ao encontro de falas mencionadas pelas entrevistadas, conforme diz a mulher D: “É triste perceber

que, se você tem um homem ao seu lado, você é mais valorizada, mais bem vista, aliança no dedo é sinal de respeito, eu com três filhos criando sozinha sou sinal de ameaça [...]. Preconceito é muito grande. As pessoas te olham como se a culpa fosse toda sua, uma vagabunda”.

Assim como tudo ou todos que não segue(m) um determinado padrão imposto pela sociedade, as mães solo enfrentam o preconceito para consigo e, às vezes, para com seus filhos, como ressalta a mulher M quando relata que as pessoas se afastaram dela e de sua filha por ser divorciada e ser julgada como má companhia.

Além de todas as dificuldades já apresentadas sobre ser mãe solo, essas mulheres ainda precisam encarar o preconceito e o fato de serem julgadas e diminuídas, como podemos observar na fala da mulher E: “Não presta, é do mundo. Minha família também me rotulava muito, mas eu sou a única que tem pós, tenho duas pós, faculdade. Então a rotulada lá de trás cresceu”. Olhar de julgamento da família também pode ser observado a partir da fala da entrevistada G que ressalta que seu ex-marido afirmava que namorar alguém com filho sem pai é furada.

O prejulgamento se faz tão presente na vida destas mulheres que interfere, inclusive, na dificuldade de conseguirem ter um momento de lazer pra si ou de vivenciarem esse momento de lazer sem sofrerem preconceito, como destaca a mulher G: “Seu eu cogitasse falar que ia mandar ele pra casa do pai, é porque eu era safada, sem vergonha, queria só arrumar filho e curtição, era essas coisas. Parece que seu filho é um largado”. Esses aspectos associados a dificuldade de vivência do lazer estão em sincronia também com a fala da mulher M, no momento em que afirma que não recebe mais convites para nenhuma festa, mesmo sendo festas de crianças.

Nas entrevistas, algumas mães relataram sofrer preconceito em duas esferas, uma por serem mães solo e outra por terem sido mães ainda adolescentes. Essa realidade vem ao encontro da fala da mulher K: “Eu sofri preconceito dentro do hospital na hora do parto por ser mãe adolescente e por estar sem a presença do pai. Isso é uma covardia, eu era só uma menina.”

Nessa ótica, é possível constatar que essas meninas, uma vez que se tornam mães, além de lidar com as implicações da maternidade para a adolescência, precisam também encarar a discriminação e os julgamentos, como também narra a mulher J: “Eu fui a uma festa e uma mulher por volta de 30 anos me perguntou se eu não tinha vergonha de ter engravidado cedo, e que eu era irresponsável demais. Ainda completou dizendo que eu não sabia quem era pai. Ela disse isso na frente de todo mundo, me senti humilhada, com vergonha. Eu sofro dois tipos de preconceito, um por ser mãe solo e outro por ter sido mãe adolescente”. Com uma experiência semelhante, destacou a mulher K: “Não é fácil ser mãe sozinha aos dezesseis anos, eu me senti insegura e com medo. Ninguém me compreendia, era só julgamento. Algumas amigas se afastaram, pois os pais pediram, eu não era uma boa companhia, pois na visão deles tinha me perdido com qualquer um”.

A experiência da maternidade é um momento de grande reestruturação na vida de uma mulher e demanda uma consistente rede de apoio, como mencionado pela mulher D: “A vulnerabilidade vem de encontro com a falta de apoio, pois é julgamento a todo o momento. As pessoas precisam entender que ninguém vem com escrito na testa ‘serei ou não um bom pai’”.

Destaca-se que a vulnerabilidade vai muito além de recursos financeiros, estando também relacionada à fragilidade e à exclusão. Magalhães, Nascimento e Rocha (2022) enfatizam que a pobreza não se configura apenas pela ausência de renda, mas também por discriminações e sofrimentos que se superpõem, causando, conseqüentemente, repercussões nas condições de vida. Nessa ótica, essas mulheres, além de lidarem com o abandono paterno, também precisam enfrentar o preconceito, como foi observado no decorrer das entrevistas.

No mesmo sentido, Borges (2020, p.10) salienta que,

Se por um lado a mãe solo vem sofrendo historicamente com o preconceito por não estar inserida em uma relação conjugal, atendendo aos padrões impostos pela sociedade, de outro o abandono paterno parece ser natural.

A falta da presença paterna é, segundo o relato das entrevistadas, invisibilizada, o que remete à ideia de que eles não deviam se responsabilizar e/ou cuidar de seus filhos. Na maioria das vezes, a sociedade não se pergunta: “cadê esse pai?”. Vale a reflexão sobre esse questionamento, o que será abordado na próxima dimensão.

A Naturalização do Abandono Paterno

A naturalização do abandono paterno é um acontecimento social que ocorre quando a sociedade aceita ou minimiza o abandono paterno como algo normal. Nesse sentido, Campos e Baquião (2022) ressaltam que é primordial compreender as falhas estruturais da sociedade e os padrões que são impostos, como a ideia de que todas as mulheres já nascem preparadas para serem mães e que é natural desenvolver esse papel sozinha sem o auxílio do pai.

Brugnara, Saraiva e Resende (2021, p.2) enfatizam que:

[...] a negação do afeto é vista como uma agressão à lei, considerando-se que a falta de amor de pai para filho desrespeita não somente a função de ordem moral, mas também – e principalmente – funções de ordem legal, pois que “criar e cuidar são ações que se completam” (ALVES, 2013, p.4 apud BRUGNARA, SARAIVA, RESENDE, 2021, p.2).

Essa afirmativa vem ao encontro da fala da mulher C: “É triste isso, mas a verdade é que meus filhos são órfãos de pais vivos”. Nesse mesmo sentido, complementa a mulher K: “O que me deixa mais indignada é que ninguém responsabiliza o pai, ninguém se pergunta onde ele está, a única errada sou eu. Como se eu a tivesse feito sozinha”.

Campos e Baquião (2022, p.2) salientam que “A sociedade brasileira ainda é pautada em uma cultura machista, que exige o pai de responsabilidade afetiva com seus filhos, com base na crença de que é a mulher quem deve exercer o papel de prover cuidados e carinho às crianças”. Trata-se de uma violência dupla, tanto contra a mulher que é mãe quanto à criança.

O abandono paterno pode gerar marcas profundas e indagações que muitas vezes ficam sem respostas, como enfatiza a mulher K: “Ninguém tem a compreensão do que é de fato o abandono paterno, só sabe quem vive, o resto romantiza dizendo que somos fortes”. Ela ainda complementa: “[...] até eu entender que esse abandono não é sobre mim, e sim sobre o pai da minha filha, foi difícil. Ainda é difícil. Talvez eu nunca consiga entender o motivo pelo qual ele nos abandonou, isso vai ser pra sempre uma interrogação pra mim, dentro de mim”. A mulher C reforça tal colocação, dizendo: “Não deveria ser uma obrigação minha implorar amor e cuidado para os meus filhos”.

Segundo Barros e Arcoverde (2023), “O Brasil registrou mais de 100 mil crianças sem o nome do pai só neste ano”. Ainda de acordo com o site, por dia são realizados quase 500 registros de nascimento sem a identificação do pai. Tendo em consideração que a família é um ambiente de extrema importância, o abandono paterno necessita ser uma pauta de magnitude no cenário atual da sociedade, para que não ocorra o que relatou a mulher I: “O pai dela nem sequer registrou a menina, minha filha foi conhecer o pai depois de velha, até os 15 anos ela não sabia nem quem ele era”.

A indiferença afetiva do pai em relação à mulher mãe e à criança é algo real e amplo que necessita ser mais discutido e pensado enquanto pauta de políticas públicas. Madaleno (2021, p.103) evidencia que “afeto é a mola propulsora dos laços familiares e das relações interpessoais movidas pelo sentimento

e pelo amor, para ao fim e ao cabo dar sentido e dignidade à existência humana”. Em harmonia com a citação acima, a relevância desse afeto se faz presente na fala da mulher F, quando menciona que: “[...] essa é uma falta em todos os sentidos, não só na parte financeira, mas é um acolhimento, um carinho, é estar junto com você”.

A ausência desse elo entre pais, mães e filhos promove, dentre outras coisas, o cansaço que menciona a mulher K: “Eu não sou forte, eu sou cansada, eu amo minha filha, mas cansa muito ser sozinha, não ter alguém para aliviar meu medo e conversar”. No mesmo sentido, a mulher A destaca: “Prefiro ele presente do que o dinheiro de fato”.

Nessa ótica, faz-se necessário analisar a romantização dessa sobrecarga materna que, até o presente momento, é comumente naturalizada pela sociedade assim como o abandono paterno.

Segundo Borges (2020, p.14):

Tem-se pois, que o abandono e omissão paterna, não apenas no aspecto material, como intelectual, moral, psicológica, educacional e mesmo em decorrência do próprio dever de cuidado é uma realidade numerosa que incorre na sobrecarga da mulher no acúmulo de tantas funções.

O amor e o dever do cuidado do pai perante o filho é a essência primordial, sob o olhar das mães entrevistadas. Nessa concepção, a carência do afeto paterno pode ser compreendida e sentida como uma crueldade para quem a vive e quem convive, como a mãe, e gera, inclusive, outros sentimentos destacados pelas entrevistadas, como a culpa, temática que será abordada na dimensão seguinte.

O peso da Maternidade Solitária

A maternidade por si só já é desafiadora, como vimos anteriormente com Rapoport e Piccinini (2011, p.216), mas, quando se trata da vivência da maternidade solo, a missão de cuidar dos filhos – sozinha – se torna ainda mais árdua. Sentimento de culpa e arrependimento são emoções claramente perceptíveis nas entrevistas realizadas, acompanhado de incapacidade, frustração e medo.

A psicanalista Vera Laconelli, no site “CNN Brasil” (2020), afirma que nós nos arrependemos dos atos que acontecem e que são diferentes daquilo que desejamos. Essa afirmativa está em harmonia com a fala da entrevistada E: “[...] se eu pudesse voltar atrás eu voltaria. Não por não tê-los, mas para tentar fazer diferente”. Em similaridade com o que foi exposto, a mulher M ressalta sua realização como mãe, porém destaca que se pudesse fazer diferente, teria feito.

A referida psicanalista enfatiza que “A gente não é a mãe que a gente escolhe ser, a gente é a mãe que a gente pode ser. A gente vai se entendendo com a possibilidade de pedir desculpas. É menos romântico, mas é lindo”. Ainda, complementa que o processo de perdão é primordial na maternidade e, por fim, salienta que “Na nossa cultura, mãe e culpa viraram sinônimos”.

Harmonizar a responsabilidade da maternidade solo com todos os outros papéis que são exercidos pelas mulheres não é algo simples e fácil. A relação entre a maternidade e culpa é real e latente, principalmente no caso de mãe solo, como foi observado na fala da mulher C que enfatiza sentir-se culpada por suas escolhas e arrependida, algo também ressaltado pela mulher M quando diz que “A maternidade não é fácil, ser mãe sozinha é ainda mais difícil, a culpa às vezes parece ser a nossa amiga, ela tá ali o tempo todo. É uma cobrança interna mesmo, eu me cobrava muito no sentido de fazer tudo certo, talvez por medo”. Esses relatos vão ao encontro com o que foi mencionado pela mulher J, quando diz: “[...] ainda hoje é difícil aceitar isso, minha vida mudou e ninguém me pergunta se eu preciso de alguma coisa, é só julgamento [...] fico pensando como ele consegue dormir sabendo que me deixou e deixou o nosso filho”.

Mestre e Souza (2021, p.7) salientam que “a culpa materna ocupa um espaço central na articulação dos principais problemas emocionais e sociais das mulheres que são mães, principalmente em razão de a ‘culpa’ ser, na maioria das vezes, relacionada ao abandono e ao medo de fracassar como mãe, de falhar como dona de casa e titubear nos compromissos sociais de ‘mãe de família’”. Essa assertiva se vincula com o relato da mulher C, que diz: “Não é fácil ser sozinha, a culpa e o arrependimento ‘é’ uma coisa bem presente na minha vida. Mas eu não consigo voltar no passado e mudar as coisas”.

Os desafios de uma maternidade solo se tornam evidentes conforme as entrevistas. O medo, a insegurança e a incerteza do futuro são sentimentos presentes na vida dessas mulheres. Assim, a realidade das mães solo é de intensa vulnerabilidade no sentido da fragilidade emocional vivenciada por essas mulheres. Sob essa ótica, vários fatores contribuem para a reflexão da dimensão da vulnerabilidade existente em ser mãe solo, o que vai além do abandono paterno e está associado ao preconceito, ao sentimento de culpa, à invisibilidade da sociedade, à romantização, à sobrecarga, entre outras diversas dimensões.

Não é Amor, é Abuso

A violência contra mulher, seja ela física ou psicológica, sempre esteve enraizada e presente em nossa história, como enfatiza Leão et al. (2017, p.2). O relacionamento abusivo vivenciado por muitas mulheres é fruto de uma herança patriarcal que naturaliza que os homens detenham o poder e a autoridade e se coloquem em posições superiores às mulheres, tanto em esferas públicas, quanto privadas, como ambientes sociais e familiares.

Neste cenário, o relato de relacionamento abusivo nas relações amorosas é frequente, como constatado em 13 das 14 entrevistas analisadas. Por ser em sua maioria realizado por violências psicológicas, há a dificuldade de compreender e identificar tais atitudes, o que faz com que se torne uma violência silenciosa muitas vezes só confirmada como violência quando ocorre a primeira agressão física.

As violências psicológicas sofridas por mulheres em relacionamentos abusivos não deixam marcas físicas, porém os danos relacionados a sua saúde mental são marcantes e presentes por um longo período de tempo em suas vidas, quiçá para sempre. Tais atitudes podem afetar a mulher de diversas formas, levando a baixa autoestima, ansiedade, depressão, entre outros problemas relacionados à saúde mental e, até mesmo, física dessas mulheres.

Tal violência foi observada no relato da mulher C quando diz que: “Minha primeira filha nasceu prematura, o pai dela me bateu, aí fui para o hospital sentindo dor”. Este relato semelhante de violência foi evidenciado na fala da mulher L: “Ele dizia, se você sair daqui a criança fica comigo, se você sair daqui você vai contar moeda o resto da vida, se você sair daqui você vai se lascar, porque quem vai querer uma mulher com filho pequeno”.

A maioria das mulheres entrevistadas vivenciaram relacionamentos abusivos, com agressões físicas ou psicológicas realizadas por seus parceiros. A mulher D cita que aguentou tudo em nome de Deus se diz muito religiosa e conta que seu ex-parceiro era pastor. Ela ainda complementa que escutava das pessoas que tinha que lutar por seu casamento e que o que ela passava seria “tentações do diabo”.

O relacionamento abusivo se mostrou constante na vida das mulheres entrevistadas que foram submetidas a um processo de manipulação e domínio pelos seus parceiros. Soma-se, portanto, à omissão de afeto do pai para com seu filho, o abuso de poder exercido pelo homem em relação à mulher mãe. O resultado dessas violências é a vulnerabilidade destas mulheres e a sobrecarga que, muitas vezes, é romantizada e será aprofundada na próxima dimensão.

Mães que caminham sozinhas: a romantização da sobrecarga

O lado não mencionado, os momentos mais pesados e a dor, muitas vezes, silenciada da maternidade

solo frequentemente são desconhecidos pela sociedade que, por vezes, romantiza a mulher mãe solo como “mãe guerreira”. Essa romantização está em sincronia com o relato da mulher J que diz: “As pessoas romantizam isso, na verdade é muito difícil ser sozinha, às vezes eu não quero ser forte, eu não queria dar conta de tudo, eu fui largada e as pessoas não veem isso”.

Nessa ótica, conforme mencionado anteriormente no que se refere à mãe solo, a fala da mulher L retrata a realidade de muitas mães solo quando diz que: “Não existe mulher forte. Existe mulher sobrecarregada. E aí você não tem outra opção. Ou você vai ou o sistema te engole”.

Nesse sentido, se torna evidente que a sobrecarga não está apenas relacionada às funções inerentes à maternidade e ao filho(a), mas também às demandas inerentes à jornada solo, como pontua a mulher K: “[...] maternidade às vezes é injusta, me deixa com a raiva essa questão que a mãe tem que dar conta de tudo, que somos fortes. Não somos, somos sobrecarregadas, somos largadas, fomos abandonadas e ninguém parece perceber essa gravidade”.

Diante desse contexto, faz-se necessário repensarmos expressões como “mulher guerreira”. Silva (2021) enfatiza que “A vivência da maternidade pode causar uma sobrecarga à mulher, resultante da dependência do filho, que demanda atenção e cuidados, associado a todas as outras atividades que a mulher precisa exercer além de ser mãe, a exemplo de: trabalhar, estudar, cuidar da casa e da família”. A autora ainda complementa que a maternidade pode gerar uma sobrecarga devido à intensa rotina, levando em consideração que, na maioria das vezes, essa sobrecarga é invisível e romantizada na sociedade.

Essa afirmação está em sincronia com o que foi dito pela mulher C: “[...] eu sinto falta, falta de um apoio, uma ajuda. É exaustivo ser sozinha. Eu já sofri demais, trabalhei muito, vendi meu corpo pra colocar comida na mesa [...]”. Essa sobrecarga, às vezes, está atrelada também à anulação de sonhos e planos idealizados por essas mães, como destaca a mulher J: “Minha vida parou. Tudo que eu faço é pelo meu filho, meus planos eu deixei de lado”. Em complemento, a mulher K enfatiza que: “Eu me perdi. Eu não faço mais o que sonhei para mim, eu não consigo fazer. Sozinha é quase impossível”.

As experiências verbalizadas acima apresentam nitidamente a sobrecarga de que trata esta dimensão e outros sentimentos vivenciados na maternidade solo, como ressalta a fala da mulher K quando diz que: “Eu posso até ser forte, aliás eu tive que ser forte pela minha filha, pois eu estava sozinha. Mas além de ser forte, eu sou cansada, frustrada, sobrecarregada, ninguém conhece minhas dores”.

Torna-se imprescindível, portanto, um olhar mais cuidadoso e criterioso para os rótulos produzidos pela sociedade, pois a maternidade solo real só sabe quem vive.

Considerações Finais

O estudo buscou analisar a vulnerabilidade que vivenciam mães solo que lidam com a ausência completa dos pais de seus filhos. A partir do relato das entrevistadas, vimos que, quando uma mulher se torna mãe solo, passa a enfrentar obstáculos relacionados aos padrões impostos pela sociedade, como preconceitos, prejulgamentos, sentimento de culpa e arrependimento, além de, com certa frequência, sofrerem com os reflexos de relacionamentos abusivos que tiveram com os pais de seus filhos.

Salienta-se que os sentimentos presentes na vida dessas mulheres, como a culpa e o arrependimento, necessitam ser validados e acolhidos. Nesse sentido, é essencial um olhar cuidadoso e criterioso aos sentimentos vivenciados por essas mulheres que são mães solo. Vale ressaltar que, são de extrema importância, políticas públicas que olhem para essa temática com o devido cuidado e respeito.

Expressões como “mulheres fortes e guerreiras” direcionadas às mães solo são produzidas por uma sociedade que romantiza a sobrecarga da maternidade solo e que, ainda sem perceber, naturaliza o abandono paterno.

Essas mulheres carregam consigo a vulnerabilidade de criarem seus filhos sozinhas, como ficou

nítido em seus relatos. Seu caminho é, muitas vezes, desconhecido, assim como sua realidade é silenciada e oculta. Sua vivência é mascarada, romantizada e invisibilizada. Há uma carência facilmente perceptível no discurso dessas mulheres que demandam serem ouvidas sem críticas e julgamentos no sentido de facilitar a elaboração da situação em que vivem: estarem sozinhas no processo de criação de seus filhos.

Deste modo, sugerem-se novas pesquisas mais profundas que deem visibilidade a essa temática, o que pode ser feito por outras perspectivas, como pelo olhar dos filhos diante da ausência de seus pais.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

Referências

BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. 4. ed. Rio de

BARROS, Wiliam; ARCOVERDE, Léo. Brasil registrou mais de 100 mil crianças sem nome do pai só neste ano; são quase 500 por dia. **G1**, 18 ago. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/08/13/brasil-registrou-mais-de-100-mil-criancas-sem-o-nome-do-pai-so-neste-ano-sao-quase-500-por-dia.ghtml>. Acesso em: 31 out. 2023.

BORGES, Lize. Mãe Solteira Não. Mãe Solo! Considerações Sobre Maternidade, Conjugalidade e Sobrecarga Feminina. **Revista Direito e Sexualidade**, Salvador, v. 1, n. 1, p.1-23, mai. 2020. <https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/view/36872>. Acesso em: 21 ago. 2024.

BRASIL registra aumento de mães solo em 2022. Veículo: **ANDI**, ago. 2022. Disponível em: https://andi.org.br/infancia_midia/brasil-registra-aumento-de-maes-solo-em-2022. Acesso em: 21 ago. 2024.

BRUGNARA, Everson Soto Silva, SARAIVA, Líbia Mara da Silva, RESENDE, Patrícia Gomes. **O Abandono Afetivo e Suas Consequências**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) - Centro Universitário Uma, Betim, 2021. Disponível em: https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/19795/1/TCC_Artigo_Revista_Liber_L%C3%ADbia_Saraiva_Patricia_Gomes.pdf Acesso em: 06 de nov. 2023

CAMPOS, Barbara Aparecida Gomes, BAQUIÃO, Leandra Aurélio. **Abandono Afetivo Paterno: As Consequências Do Pai Ausente Na Infância**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Centro Universitário do Vale do Ribeira, São Paulo, 2022. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/repositorio/wp-content/uploads/sites/10011/2023/05/ABANDONO-AFETIVO-PATERNOC2%AC_AS-CONSEQU%C3%8ANCIAAS-DO-PAI-AUSENTE-NA-INF%C3%82NCIA.pdf Acesso em: 28 de out. 2023.

CARMO, MichellyEustáquia do, GUIZARDI, FranciniLube. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, p.1-14 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/ywYD8gCqRGg6RrNmsYn8WHv/?lang=pt>. Acesso em: 21 ago. 2024.

FONTENELE, Luana. “Mãe solteira ou mãe solo? Descubra as implicações de cada termo e conheça histórias dessa realidade”. **Oitomeia**, 25 out. 2020. Disponível em: <https://www.oitomeia.com.br/noticias/2020/10/25/maesolteira-ou-mae-solo-descobra-as-implicacoes-de-cada-termo-e-conheca-historiasdessa-realidade/>. Acesso em: 21 ago. 2024.

GERHARDT, Tatiana Engel, SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa. [Recurso eletrônico]. Porto Alegre: Editora UAB/UFRGS, 2009. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> Acesso em: 03 de jun. 2023.

GONTIJO, Joana. Maternidade real: elas têm muitas histórias para contar. **Estado de Minas, Saúde e Bem Viver**, 14 mai. 2023. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/saude-e-bem-viver/2023/05/14/interna_bem_viver,1492776/maternidade-real-elas-tem-muitas-historias-para-contar.shtml. Acesso em: 04 de set. 2023.

LACERDA, Nara. Cartórios registram crescimento de mães solo no Brasil em cinco anos. **Brasil de Fato**, 9 mai. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/05/09/cartorios-registram-crescimento-de-maes-solo-no-brasil-em-cinco-anos>. Acesso em: 04 de set. 2023.

LACONELLI, Vera. Na Nossa Cultura, Mãe e Culpa Viraram Sinônimos. **CNN Brasil**, 09 mai. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/vera-iaconelli-na-nossa-cultura-mae-e-culpa-viraram-sinonimos>. Acesso em: 30 out. 2023

LEÃO, Bruna Marques. et al. Relacionamento Abusivo: O Patriarcado E Suas Influências Na Atualidade. **Materializando Conhecimentos**, v.8, p. 1-19, 2017. Disponível em: https://www.redeicm.org.br/revista/wp-content/uploads/sites/36/2019/06/a4_relacionamento-abusivo.pdf Acesso em: 06 de nov. 2023.

LEÃO, Flávia Elso. et al. Reflexões Teóricas sobre Maternidade e Adoção no Contexto da Monoparentalidade Feminina. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 45-59, dez. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v21n2/v21n2a05.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2023

MADALENO, Rolf. **Direito de Família**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2021.

MAGALHÃES, Márcia Alfaia Lins, NASCIMENTO, Leandro Almeida, ROCHA, WollaceScantbelruy. Aspectos Psicossociais De Mães-Solo Em Contexto De Vulnerabilidade Social: Identidade e Enfrentamentos. **Revistaft**, Fortaleza, v. 26, nov. 2022. Disponível em: <https://revistaft.com.br/aspectos-psicossociais-de-maes-solo-em-contexto-de-vulnerabilidade-social-identidade-e-enfrentamentos> Acesso em: 14 de nov. 2023

MESTRE, Simone de Oliveira, SOUZA, Érica Renata. “Maternidade guerreira”: responsabilização, cuidado e culpa das mães de jovens encarcerados. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 2, p.1-15, 2021 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/DjkdXzG7YCWqtQfnBFTwnLR>. Acesso em: 30 out. 2023

MINAYO, Maria Cecília Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro Abrasco, 2004.

POPE, Catherine, MAYS, Nicholas. Pesquisa Qualitativa na Atenção à Saúde. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

RAPOPORT, Andrea, PICCININI, César Augusto. Maternidade e situações estressantes no primeiro ano de vida do bebê. **Psico-USF**. v. 16, n. 2, p. 215-225, mai./ago. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712011000200010>. Acesso em: 30 out. 2023

SANTOS, Nadia, NORONHA, Raquel. Mãe Solo. **Informa SUS-UFSCar**, 30 jun. 2022. Disponível em: <https://informasus.ufscar.br/mae-solo>. Acesso em: 03 de jun. 2023.

SEVERINO, Natália Pereira. A Sobrecarga Da Maternidade Solo: Mães Que Caminham Sozinhas. **Relatório**. [Mato Grosso do Sul: UFMS], 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/5445/2/relatorio-natalia.pdf> Acesso em: 03 de jun. 2023.

SILVA, Caroline Guimarães, CASSIANO, Kátia Kelvis, CORDEIRO, Douglas Farias. Mãe solo, feminismo e Instagram: análise descritiva utilizando mineração de dados. In: XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 2019, Goiânia. **Anais [...]** Goiânia: INTERCOM, 2019, p.1-14. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1197/o/2019-Intercom-CO-Silva_Cassiano_Cordeiro.pdf Acesso em: 06 nov. 2023.

SILVA, Marcela Samara Lira. **Um Olhar Para Além Da Beleza Da Maternidade: Burnout Materno - Exaustão E Sobrecarga De Mães**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem) - Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2021. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/21342/3/MARCELA%20SAMARA%20LIRA%20DA%20SILVA%20-%20TCC%20BACHARELADO%20EM%20ENFERMAGEM%20CES%202021.pdf> Acesso em: 06 nov. 2023.